

## utop...

de Jorge Luiz Lima de Souza<sup>1</sup>

Aconteceu, então, de Nicanor nascer com a cabeça virada para trás.

Não teve médico que desse jeito.

Aberração! Bizarro! Curupira craniano! Encarnavam as crianças de cabeça boa.

Não tinha mãe que desse jeito nas crianças encarnadeiras.

Nicanor, se andava, via tudo ficando para trás. Caiu muito, mas cresceu, acostumou-se. Agora, até corria. Resignou-se. Nasceu assim, vivia assim.

Namorava. Nem disso se privava. Mas tinha de optar entre beijar ou sarrar, os dois juntos não podia. Trabalhava de vigia. À hora do almoço, sempre um espetáculo. Todos na firma se maravilhavam com sua habilidade de meter a comida na boca, onde, em alguém normal, seria a nuca. Vivia como qualquer um.

Um dia, como sempre acontece, morreu. Foi velado de bruços ou ninguém lhe veria a cara. Como às vezes acontece, reencarnou. Renasceu perfeito. Ia para frente olhando para frente, como todo o mundo. Cabeça no lugar. Sentiu depressão.

O médico lhe recomendou terapia. O terapeuta lhe recomendou hipnose. O hipnotizador lhe recomendou regressão. O regressor lhe recomendou que

---

<sup>1</sup> Poeta e graduando em Letras pela PUC-RJ. E-mail: sodinesodine@hotmail.com

fechasse os olhos e contou 3, 2, 1. Nicanor descobriu que teve a cabeça virada para trás numa vida anterior. O médico escarneceu do terapeuta por tê-lo encaminhado para um hipnotizador, do hipnotizador por tê-lo encaminhado para um regressor, e do regressor por usar métodos não científicos para curar pacientes. Nicanor sacudia a cabeça boa que “sim”, concordando com o médico; contudo, ter tido a cabeça virada para trás na encarnação passada lhe despertava curiosidades... Voltou ao regressor. A segunda sessão foi um sucesso. Tudo confirmado. E porquanto a história da cabeça o intrigasse cada vez mais, suicidou-se.

O destino foi tolerante. Reencarnou novamente. E, novamente, aconteceu de nascer com a cabeça virada para trás.

Como não se lembrava das encarnações anteriores, pretendeu viver aquela como se fosse a primeira e a última.

No entanto, desta vez, algo diferente aconteceu. Quando ia para frente e via que tudo ficava para trás, passou a sentir dentro de seu corpo uma sensação estranha e desconhecida. Ele olhava tudo se distanciar e diminuir, e tentava, em vão, abarcar com a visão o que ficava. De vez em quando, afligido por aquela realidade, parava de andar, apenas para ter a falsa impressão de que não mais deixava para trás as coisas pelas quais passava. Era inútil. O estranho incômodo que se revirava dentro do nosso Nicanor só crescia... Como uma árvore.

Era preciso dar fim àquilo: decidiu que só olharia para frente dali em diante, custasse o que custasse. Passou a andar de costas.

Tornou-se, assim, como todos no mundo, com a diferença de que andava de ré. Não houve um que não o congratulasse. “O homem da cabeça virada para trás que anda de ré para frente”, diziam os jornais; “exemplo de superação”, diziam os admiradores; “não tinha cão, caçou com gato”, diziam os ditos.

Dentro de seu peito, no entanto, o incômodo persistia. Tomado por aquele mal-estar e vitimizado por terrores noturnos e pesadelos, nosso Nicanor teve uma ideia: transformaria sua perturbação particular em perturbação coletiva. Antes, contudo, precisaria de poder.

Pôs logo o plano em prática e bem-sucedeu. Em menos de dez anos, já havia sido eleito, por unanimidade, líder da nação. O primeiro presidente da república de cabeça virada para trás... Sua palavra, agora, era lei. Primeiro

decreto: “Todos devem andar com a cabeça virada para trás, com exceção dos recém-nascidos, porque ainda não sabem andar”. Comoção, alarde, a nação pipoqueava, norte, sul, leste, oeste. Como quer este infeliz que andemos como ele andava antes de decidir andar de ré para frente? Contradição! Outra lei que não vai pegar!

Sabido das controvérsias, nosso Nicanor, mais uma vez, surpreendeu o povo. Incluiu no decreto um dispositivo punitivo contra aqueles que se negassem a andar com a cabeça virada para trás. Pena: corte da cabeça. O repúdio popular era inevitável. “O homem da cabeça virada para trás que anda de ré para frente obrigará a todos a andarem com a cabeça virada para trás, mesmo tendo cabeças boas”, diziam os jornais; “o poder lhe subiu à cabeça virada”, diziam os ex-admiradores; “era água, agora é vinho”, diziam os ditos.

Nicanor se regozijava com sua obra. O incômodo em seu peito, que por tanto tempo o afligiu, tornara-se coletivo. Todos no país eram obrigados a andar de costas, com suas cabeças viradas para trás e, assim como ele, teriam de se lamentar diariamente ao ver que, enquanto iam, tudo ficava. Como ele, sentiriam a angústia terrível de querer, em vão, tomar de volta as coisas que passaram. Seria o passado o objetivo inalcançável de cada cidadão do país.

Como sempre acontece, revolta popular. “Impeachment”, diziam os jornais; “arranquem-lhe a cabeça e pendurem num poste... e virada para trás!”, diziam os revoltosos; “semeou ventania, olha aí a tempestade”, diziam os ditos.

Sem apoio nem dos aliados mais próximos, nosso Nicanor foi deposto, julgado e condenado. Sua obra maligna não durou nem um ano completo.

Após sua queda, muito falou-me-falou. As línguas boas falavam que foi um mártir; as más, que foi um tirano. As línguas mudas nada falavam. Corrido o tempo, fatos se converteram em especulação. “Nicanor, a lenda urbana”, diziam os jornais; “a história mentiu! Alguém com a cabeça virada para trás jamais chegaria à presidência da república”, diziam os céticos; “quem contou este conto aumentou muitos pontos”, diziam os ditos.

Décadas se passaram. Hoje, o nome Nicanor ainda surge em rodas de conversa populares. Há, inclusive, quem jure que ele viveu como exilado político e retornou anistiado mais de trinta anos depois.

Contudo, o que afirmam os anciãos daquele país – legítimos conhecedores da verdadeira história – é que Nicanor não teve nem tempo de exilar-se. Depois de deposto, contam eles, foi condenado à morte e, tal como queria o povo, teve a cabeça arrancada.

Contam também os anciãos que, momentos antes da degola, ele ainda teve tempo de gritar este recado derradeiro: “Um grande foda-se para quem fica! Um foda-se com um F deste tamanho!” A cabeça, então, tombou decepada.

Contrariando a vontade popular, as autoridades preferiram não pendurá-la num poste. Acharam que seria excessivo.